

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DE SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

GABRIELLE CRISTINE TREVIZAN

**CAMINHOS PARA UMA PEDAGOGIA DO CUIDADO: uma experiência de formação  
em Terapia Ocupacional junto à Educação Popular em Saúde**

São Carlos/SP

2025

GABRIELLE CRISTINE TREVIZAN

**CAMINHOS PARA UMA PEDAGOGIA DO CUIDADO:** uma experiência de formação  
em Terapia Ocupacional junto à Educação Popular em Saúde

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito obrigatório à  
obtenção do título de bacharel em  
Terapia Ocupacional, sob orientação da  
Profa. Dra. Martha Morais Minatel.

São Carlos/SP

2025

## **DEDICATÓRIA**

*Ao Gustavo, papai e mamãe, base dos saberes que se constituíram ao longo da minha vida e me permitiram chegar aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Maria das Neves, Mariuza, seu Valentim, Ana Cris, Larissa, Landerson, Milene, Cláudia, Pedro, Paulo, Aline, Nicolas, dona Cida, Bruno, Rodrigo, Tiago e a todos que tive a oportunidade de cruzar os caminhos nesses últimos cinco anos. Obrigada por me ensinarem tanto e partilharem da vida comigo.

Agradeço à minha família, minha mãe: pela sensibilidade e firmeza. Com você aprendi a acordar todos os dias perseverante de que as coisas vão ficar bem. Meu pai: pela gentileza e grandeza. Obrigada por me ensinar a apreciar os detalhes. Ao meu irmão: grande mestre na arte de me abraçar como não abraça ninguém.

À minha tia Silvia e minha madrinha Dinorá. Mães que celebram minhas conquistas e minha felicidade desde que me entendo por gente.

À minha avó Rosária que não foi alfabetizada, mas que deixou nessa vida sua letra, treinando a escrita de seu nome e me lembrando que o registro e a memória nesse mundo em que tudo é rápido e pouco relevante não é mero capricho.

Ao meu amor, Ricardo, 10 anos ao seu lado, construindo todos os dias um pouco do que é nosso. Partilhando um pouquinho de cada um, com paciência, afeto e me ensinando que é possível outras formas de se relacionar nesse mundo.

Aos meus amigos de longa data, Patrícia, Iara, João Pedro, Daisy e Lorrany. Vocês me lembram que eu posso ser amada como sou nessa jornada da vida.

À minha dinda, Flor de Alice, a qual agradeço por ter me aberto portas para receber afetos, paredes para movimentar o interior, janelas para enxergar o sol, tetos para ver as estrelas. Sem você, não teria conhecido a professora Martha e a Educação Popular em Saúde tão cedo.

Às minhas amigas de formação, terapeutas ocupacionais extraordinárias, obrigada por sustentarem nossa coletividade, os escapes da rotina e me fazerem voltar pra casa, quando eu perdia o caminho durante esses cinco anos.

À minha professora, orientadora e também parte da família que construí nesse processo de formação, Martha Minatel. Obrigada por me acolher, me ensinar e me permitir acessar sua visão de mundo. Você é inspiradora por onde passa e sempre me faz lembrar de que nada sempre foi do jeito que está, me permitindo sonhar com outros mundos.

Às professoras Giovana Morato, Geresa Lourenço e Sabrina Ferigato. Obrigada por acreditarem tanto e acessarem espaços em mim que eu nunca havia sequer imaginado em ocupar. Pelas longas conversas com cada uma de vocês em momentos de frustração e inseguranças que me fazem ser uma terapeuta ocupacional e pessoa melhores e reafirmam o laço de amizade e admiração que nutro por vocês.

À Tânia, minha psicoterapeuta, que me apoiou nos atravessamentos de muitos processos durante os últimos três anos da graduação. Obrigada por cuidar de mim de forma tão ética, respeitosa e amorosa (como Paulo Freire diria).

E por fim, à Nossa Senhora de Aparecida, por me permitir chegar aqui protegida, intercedendo pela minha sabedoria e resiliência quando me faltaram.

## RESUMO

A Educação Popular em Saúde enquanto política pública tornou-se um importante referencial para dialogar saberes e atores sociais nas práticas em saúde. A Terapia Ocupacional tem como proposição um perfil de egresso capaz de analisar e atuar nas relações que compõem o cenário de suas populações atendidas a partir das ocupações, atividades e cotidianos. Dessa forma, a Educação Popular em Saúde demonstra-se enquanto uma possibilidade de ferramenta teórico-metodológica e teórico-conceitual para essa atuação. Neste sentido, o presente projeto tem como objetivo relatar a experiência de uma estudante em Terapia Ocupacional e a influência da Educação Popular em Saúde em seu processo de formação. Como objetivos específicos propõe-se: identificar possíveis habilidades e competências desenvolvidas a partir do encontro entre o referencial da Educação Popular em Saúde e a formação em Terapia Ocupacional; analisar como a composição do Ensino, Pesquisa e Extensão influenciam no aprendizado orientado a partir desses referenciais; compreender quais potências, desafios e aprendizados essa experiência revela. Foi realizado um estudo qualitativo a partir do relato de experiência explorado pela teoria do saber da experiência de Bondía. As fontes de dados das experiências nos eixos de Ensino, Pesquisa e Extensão foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo Temática. A análise foi realizada a partir de três categorias, classificadas a partir dos objetivos do trabalho. Enquanto contribuições, a Educação Popular em Saúde é complementar à diversas ausências e/ou conceitos definidos de forma genérica nas Diretrizes Nacionais Curriculares da Terapia Ocupacional. Bem como, são complementares quando realiza-se a defesa da transformação com os sujeitos a partir da construção conjunta, daquilo que é comum. Pode-se concluir que o trabalho contribui para a reflexão acerca do uso do referencial da Educação Popular em Saúde na formação em saúde enquanto produtora de uma pedagogia do cuidado. Bem como, com a construção de conhecimento e metodologias na formação em Terapia Ocupacional a partir da partilha da experiência.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional; Educação Popular em Saúde; Formação Crítica.

## ABSTRACT

Popular Health Education as a public policy has become an important reference for the dialogue between knowledge and social actors in health practices. Occupational Therapy proposes a graduate profile capable of analyzing and acting in the relationships that make up the scenario of the populations served based on occupations, activities and daily routines. Thus, Popular Education in Health demonstrates itself as a possible theoretical-methodological and theoretical-conceptual tool for this action. In this sense, this project aims to report the experience of a student in Occupational Therapy and the influence of Popular Health Education in her training process. The specific objectives are: to identify possible skills and competencies developed from the encounter between the framework of Popular Health Education and training in Occupational Therapy; to analyze how the composition of Teaching, Research and Extension influences the learning guided by these frameworks; to understand what strengths, challenges and learning this experience reveals. A qualitative study was carried out based on the experience report explored by Bondía's theory of knowledge from experience. The data sources of the experiences in the Teaching, Research and Extension axes were analyzed through Thematic Content Analysis. The analysis was carried out based on three categories, classified based on the objectives of the work. As contributions, Popular Education in Health is complementary to several absences and/or concepts defined in a generic way in the National Curricular Guidelines for Occupational Therapy. They are also complementary when defending the transformation with the subjects based on the joint construction of what is common. It can be concluded that the work contributes to the reflection on the use of the Popular Education in Health framework in health training as a producer of a pedagogy of care. As well as with the construction of knowledge and methodologies in Occupational Therapy training based on the sharing of experience.

**Key-words:** Occupational Therapy; Popular Education in Health; Critical Training.

## SUMÁRIO

<b>1. CONVITE PARA SE ACHEGAR MAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>2. OBJETIVOS: AQUILO QUE QUEREMOS COMPREENDER MELHOR.....</b>	<b>10</b>
<b>3. METODOLOGIA: COMO A GENTE FAZ ESSA PESQUISA ACONTECER?.....</b>	<b>10</b>
<b>4. RESULTADOS: AQUILO QUE A GENTE QUERIA PARTILHAR.....</b>	<b>11</b>
4.1. A EXPERIÊNCIA.....	11
4.2. CAMINHANDO ATÉ A TERAPIA OCUPACIONAL E A EPS: ENCONTRANDO O FIO DA MEADA.....	12
4.3. ENTRE IDAS E VINDAS NA EXTENSÃO POPULAR: UMA EXPERIÊNCIA DE CURIOSIDADE E EXPERIMENTAÇÃO.....	13
4.4. A PESQUISA E O CORPO PESQUISADOR: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISAR EM COLETIVO.....	16
4.5. O BOM FILHO À CASA TORNA: UMA EXPERIÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CUIDADO	17
<b>5. DISCUSSÃO: SABER MELHOR AQUILO QUE JÁ SABEMOS.....</b>	<b>19</b>
I. Alinhando caminhos entre a formação em Terapia Ocupacional e a EPS: habilidades e competências desenvolvidas.....	20
II. Aparando fios soltos: como os referenciais da Educação Popular em Saúde e da Terapia Ocupacional contribuem com a indissociabilidade dos eixos de formação profissional.....	27
III. A colcha de retalhos em sua totalidade: potências e desafios que essa experiência revela.....	29
<b>6. CAMINHANDO PARA OUTRAS EXPERIÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1. CONVITE PARA SE ACHEGAR MAIS

Este trabalho é fruto de uma relação de cinco anos dentro da universidade, buscando outros caminhos. Caminhos que me fizessem sentido no corpo e no coração. Encontrei primeiramente um espaço na Terapia Ocupacional que me levou à Educação Popular em Saúde (EPS).

Base dos projetos de extensão, dos meus projetos de pesquisa e também das relações que estabeleci, a Educação Popular em Saúde segue os princípios da Educação Popular (EP). A EP é compreendida enquanto um ato político de conhecimento e criação, a partir do diálogo entre seres humanos, em solidariedade e em ato de fé, fazem e refazem o mundo, ou seja, não é uma educação bancária - de depositar - sobre as classes populares, mas construída com elas, tendo como finalidade a transformação social (VASCONCELOS; OLIVERA, 2009).

A partir disso, a Educação Popular aplicada à saúde propõe uma cidadania participativa, o respeito às diversas formas de vida e de conhecimento, a promoção da autonomia das pessoas, a horizontalidade dos saberes populares e técnico-científicos e a superação das desigualdades sociais e todas as formas de discriminação, violência e opressão (CRUZ, 2018). A EPS tornou-se política pública em novembro de 2013 a partir da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS), instituída pela Portaria n. 2.761. No contexto da saúde é referida, portanto, enquanto uma importante orientação teórico-metodológica para o exercício de problematização e diálogo entre diferentes atores e saberes na saúde (DAVID; NESPOLI; LEMÕES, 2020) sendo habilidades e competências requisitadas na formação dos profissionais dessa área, como no meu caso, a Terapia Ocupacional.

O uso do referencial da EPS enquanto essa orientação teórico-metodológica na universidade aparece aqui nos eixos Ensino, Pesquisa e Extensão e isso tem se mostrado enquanto alternativa para mudanças significativas na formação em saúde a partir do que eu denominaria de “aproximação-afetada”<sup>1</sup> dos estudantes à realidade comunitária, imergindo

---

<sup>1</sup> “Aproximação-afetada” é a junção da palavra aproximação e afeto criada por mim para designar a ação de aproximar-se da comunidade, das famílias e seus cotidianos de maneira implicada/mergulhada na realidade dos mesmos, utilizando-se disso como contexto e instrumento bases para as intervenções construídas também em coletivo.

em seus problemas de forma crítica-reflexiva e mobilizando seus agentes nos processos de cuidado em saúde (CRUZ; SILVA; PULGA, 2020; FLEURI, 2006).

Dentre as profissões da saúde, a Terapia Ocupacional é definida pela Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT) (2012) enquanto uma profissão centrada no sujeito, promotora de participação e inclusão social a partir do engajamento do mesmo em ocupações e atividades na vida cotidiana. No Brasil, o contexto de formação em Terapia Ocupacional é orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), as quais definem que nós egressos devemos ser capazes de atuar de forma crítica-reflexiva com as populações atendidas a partir de suas relações com suas atividades, ocupações e cotidianos (BREGALDA; MÂNGIA, 2020). Enquanto articulador dessas dimensões, é possível encontrar interseções e possibilidades de composição entre a Terapia Ocupacional e a EPS.

Sobretudo, desde 2018, relatos de experiências quanto à formação em Terapia Ocupacional em intersecção com o referencial da EPS têm sido produzidas, reforçando o quanto tal aproximação-afetada promove mudanças no percurso formativo (ROCHA, 2018; PORTO, 2021; MARTINS, 2023; SOUZA, 2024). Segundo Rocha (2018, p. 24) “[...] o interesse intrínseco à profissão pelo cotidiano dos usuários e sua inserção na comunidade pode trazer à tona a importância que as práticas populares de saúde têm na vida de muitos”.

Dessa forma, meu trabalho parte do tema da formação em saúde em intersecção com a Educação Popular em Saúde, tendo como objeto de estudo minha experiência de formação em Terapia Ocupacional e sua relação com o referencial teórico-metodológico e teórico-conceitual da Educação Popular em Saúde.

## **2. OBJETIVOS: AQUILO QUE QUEREMOS COMPREENDER MELHOR**

Objetivo geral:

Relatar a minha experiência enquanto estudante em Terapia Ocupacional e a influência da Educação Popular em Saúde no meu processo de formação.

**Objetivos específicos:**

a) identificar possíveis habilidades e competências desenvolvidas a partir do encontro entre o referencial da Educação Popular em Saúde e a formação em Terapia Ocupacional;

- b) analisar como a composição do Ensino, Pesquisa e Extensão orientados a partir desses referenciais influenciaram no meu aprendizado profissional e ;
- c) compreender quais potências, desafios e aprendizados essa experiência revela.

### **3. METODOLOGIA: COMO A GENTE FAZ ESSA PESQUISA ACONTECER?**

A metodologia deste trabalho baseia-se em um relato de experiência de abordagem qualitativa, visando a imersão e um aprofundamento da compreensão formativa que os aspectos subjetivos da experiência possuem na formação em Terapia Ocupacional apoiada na Educação Popular em Saúde.

Jorge Larrosa Bondía (2002) define a experiência enquanto aquilo que nos passa e nos toca. Argumenta a partir disso que o saber da experiência é diferente do saber científico e também do saber da informação, defendendo que a aprendizagem e o conhecimento não perpassam somente por processar informações e dar opiniões sobre todas elas, sendo a experiência aquilo que necessita da pausa, do sentido e reflexão.

Dessa forma, o autor define que “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (BONDÍA, 2002, p. 26) e, sobretudo, é particular e finito, pois, nenhuma pessoa possui a mesma experiência a partir de um mesmo acontecimento. Logo, também não é exterior a nós, pois ele se configura a partir de uma subjetividade e uma forma de existir (BONDÍA, 2002).

A análise proposta, portanto, parte da minha experiência vivida e descrita a partir da “demora nos detalhes, no pensar e escutar devagar, cultivando a arte do encontro” (BONDÍA, 2002, p. 24) e no sentido que ela produziu. De forma complementar, a experiência também será olhada de forma crítica tendo como fonte de informações objetivas: relatórios de pesquisa, resumos em eventos, relatórios de extensão (grupo comunitário, território do cuidar) e relatórios de estágio.

Para a análise da experiência utilizei a Análise Temática que integra a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2008). Segundo Bardin (2008), a análise temática permite o encontro de núcleos de sentido, ou os temas, contidos na comunicação. Os temas podem ser compreendidos como unidades de registro que levam a investigação/compreensão de aspectos que motivam crenças, valores, tendências, dentre outros (BARDIN, 2008).

O desenvolvimento da análise aconteceu por etapas, primeiro com a leitura exaustiva dos materiais buscando apreender o conteúdo, seguido pela identificação dos temas que, posteriormente, foram agregados, elaborando-se as categorias temáticas.

#### **4. RESULTADOS: AQUILO QUE A GENTE QUERIA PARTILHAR**

##### **4.1.A EXPERIÊNCIA**

Nesta seção inicio por quem sou, para que possam adentrar a dimensão subjetiva daquilo que me tocou na vida e me fez chegar aqui permitindo ser absorvida pela experiência. Em seguida, narro minhas vivências de forma cronológica, desde meu ingresso na universidade em 2020. A narrativa está dividida em três subtópicos correspondentes às três dimensões que estruturam o processo formativo na universidade Extensão, Pesquisa e Ensino, respectivamente.

##### **4.2.CAMINHANDO ATÉ A TERAPIA OCUPACIONAL E A EPS: ENCONTRANDO O FIO DA MEADA**

Esse estudo tem como objetivo principal relatar minha experiência enquanto *graduanda em Terapia Ocupacional e estudante envolta pelos saberes-fazeres propostos na Educação Popular em Saúde*. Porém, antes disso, a partir do que Larrosa Bondía (2002) propõe da importância das experiências e da transformação produzida por elas, proponho a apresentação de um pedaço de quem fui e estou para chegar nessa escrita, honrando, portanto, aos saberes que vieram antes de tudo.

Primeiramente, sou filha de Florival, menino que vem do sítio e trabalha desde os 10 anos de idade, criado pelos avós, mudando-se constantemente e pouco afeito à educação tradicional pessoalmente, pois isso não lhe foi dado como escolha. Desde então, tornou-se pai e o homem que a partir do trabalho braçal, manual, no piso das fábricas nos sustenta enquanto família com tamanha gentileza e amor. Sou filha também de Magali, menina-irmã de 8 irmãos e irmãs, criada na roça e, aos 10 anos, impedida de dar continuidade a seus estudos e a seu sonho de ser professora. Atualmente é mãe, cuida de nós e de nossa casa e é uma grande

artesã e artista. Ambos concluíram parte dos estudos já na vida adulta. Sou também irmã de Gustavo, de 34 anos, um jovem diagnosticado com deficiência intelectual e que também não teve acesso à educação formal enquanto direito, mas que é um grande apreciador das marcas de carros e ônibus, conhece todos os personagens de desenhos animados e atores de novela, além de ser mestre na arte de fazer rolinhos de qualquer tipo de papel.

E finalmente chegamos a mim, Gabrielle, nascida após 10 anos da gestação do meu irmão, a “raspinha do tacho” e, desde que me conheço por gente, estudante. Afeiçãoada aos livros e, principalmente, às histórias, sempre com notas boas, mas nem sempre compreendendo o porquê das coisas, às vezes nem questionando. Nunca me considerei uma pessoa muito curiosa e isso sempre foi algo que parecia uma barreira na sala de aula. Eu nunca tinha uma pergunta para fazer, nem para mim mesma. Mais tarde, houve uma vez que essa questão apareceu, sutilmente, no segundo ano do curso pré-vestibular que frequentava, na tentativa de cursar Medicina, quando algum professor questiona a rotina e a aproximação de um médico formado com seus pacientes e percebo que talvez não era bem isso que eu desejava criar. Queria poder me aprofundar, queria poder estabelecer conexões, daquilo que move a gente para *agir* na vida. Então “o que eu estava fazendo ali?” me perguntava. A segunda vez, ainda no cursinho, tentava entender algum intelectual para a redação e ficava muito frustrada porque sua forma de escrita, para mim, não fazia sentido. Não entendia uma palavra. Assim como muitas vezes não entendi Matemática ou alguma reportagem complexa sobre qualquer fenômeno da Biologia, por exemplo, apenas reproduzia frases dos livros, sem entender exatamente como resolver essa angústia. Ali fiquei desejando que minha melhor habilidade com o Português, pela escrita e pelas relações fossem valorizadas para conseguir uma vaga na universidade. Achava que não era.

Acabei por conhecer a Terapia Ocupacional nesses caminhos e, ainda que incerta da decisão, mas mobilizada por essa “conexão” com o outro e pelo que a grade curricular me apresentava, diversa e valorizando, inclusive, as expressões artísticas, ingressei em 2020 na graduação. Em tempos de uma pandemia global, acabei por entrar em contato com a Educação Popular de forma remota ainda em 2020 e assim seguiu-se até o momento atual, no qual, escrevo sobre o quanto ambos encontros me transformaram.

Nas intersecções da profissão e da EPS enquanto uma ferramenta teórica-metodológica, pude perceber e defender que os fazeres da minha família, grande parte das vezes, manuais, são saberes que existem e, por sua vez, são reconhecidos enquanto saberes tanto quanto uma equação de segundo grau. E não só isso, mas a frustração com a minha inabilidade pelas ciências no geral, pôde dar lugar à expressão das minhas habilidades

relacionais, narrativas e também manuais, herdadas e partilhadas com eles e que, inclusive, produziram sentido no cuidado com outras pessoas. Aquilo que carregou comigo e que por vezes não percebia e não reconhecia enquanto saberes compatíveis com os saberes dos denominados “intelectuais”, mas que agora compreendo junto a esses inclusive enquanto fundamentais na minha identidade profissional.

Dito isto, espero que a leitura deste trabalho como um todo possa transmitir os afetos que tive nesses cinco anos de graduação, e que como propõe Bondía (2002), tornaram-se saberes da minha experiência. Espero que a quem lê possa também afetar-se por tal.

#### **4.3. ENTRE IDAS E VINDAS NA EXTENSÃO POPULAR: UMA EXPERIÊNCIA DE CURIOSIDADE E EXPERIMENTAÇÃO**

O meu primeiro contato com a Extensão Popular (CRUZ, 2018), enquanto um eixo de aprendizagem da graduação se deu no início de uma pandemia, na qual, o isolamento, o medo e as vulnerabilidades foram marcadores importantes para as relações sociais. Mal conhecia a Educação Popular em Saúde, mas hoje em dia, se não compreendesse os caminhos que atravessamos (seus porquês, desvios e criações), eu custaria a acreditar em um projeto que tem por base a relação, o diálogo e a confiança para produzir soluções populares frente às demandas da comunidade, sendo realizado virtualmente. Mas foi possível. Acredito que são desses lugares que sonhar e transformar parecem inviáveis que a EPS nos permite acessar e concretizar a partir da fé<sup>2</sup> no outro. Explicarei melhor.

Iniciei, portanto, minha participação no projeto de Extensão “Promoção de saúde mental e garantia de direitos da criança e adolescente a partir e no território: práticas intersetoriais e comunitárias” em 2020. Esse projeto, sobretudo, ocorria na relação com pessoas moradoras do território de uma grande região periférica da cidade denominada Aracy, sendo este um conjunto de 10 bairros e com uma população estimada de 80 mil habitantes IBGE (2012). É demarcado por ser a segunda região de maior vulnerabilidade do município (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010).

A extensão foi uma iniciativa com origem na articulação entre a comunidade acadêmica e a comunidade do território da região do Cidade Aracy. Conduzido pela docente

---

<sup>2</sup> “Fé” é um conceito utilizado em toda a vasta literatura e produção de conhecimento de Paulo Freire. É concebido enquanto nossa capacidade de acreditar no “ser mais” do outro e de nós mesmos: um ser inacabado, que sempre é capaz de melhorar, consciente de si e do mundo, esperançoso, humilde, não neutro, que sonha com a transformação social (LEITE, 2021).

Martha Morais Minatel (coordenadora), teve início durante o período da pandemia da COVID-19, tendo a dimensão da saúde e cultura como pautas importantes para o coletivo comunitário, especialmente no que diz respeito ao controle social, participação popular e a defesa dessas dimensões como um direito de todos (MINATEL, 2021; MINATEL, 2021b).

Tendo isso em vista, produzimos cuidado a partir da relação. Assim como narra Cruz (2018) em seu texto “Como aprendi a abordar as questões sociais com os princípios freirianos”, cheguei em uma chamada de vídeo, em um grupo de whatsapp, sem saber ao certo como poderia ajudar aquelas pessoas, mal sabia explicar o que uma terapeuta ocupacional fazia no meu primeiro ano de graduação e ainda de forma remota. Aos poucos, fui descobrindo a terapeuta ocupacional que podia ser, de forma ainda a observar como as outras alunas e professoras faziam, mas principalmente, daquilo que o grupo comunitário foi apresentando e mobilizando em mim, me permitindo desenvolver determinadas habilidades, objetos deste trabalho.

Dessa forma, me apresentei ao grupo e aos poucos os membros da comunidade passaram a me reconhecer enquanto um corpo-apoio mesmo só me visualizando por uma tela. Atendia telefonemas, mandava áudios, articulava reuniões, apoiava na escrita de documentos, e-mails e de produções audiovisuais reivindicando direitos, especialmente relacionados ao momento da pandemia e às necessidades da região em que moram. Mais tarde essas funções e outras que cumprimos enquanto o que nomeamos de mediação se tornaram objeto de pesquisa da minha segunda iniciação científica.

De forma mais observadora, mas também apoiando nas reuniões o diálogo, assistia as docentes problematizarem junto ao grupo diversas situações que eles vivenciavam. Dentre elas, a necessidade de institucionalizar o grupo, enquanto uma associação de moradores, permitindo a amplificação das vozes desse território até o poder público, bem como a demanda de mulheres e mães por um projeto de geração de renda que correspondesse às suas possibilidades de trabalho, sendo ambos movimentos os quais participei com assiduidade.

Simultaneamente, na extensão tínhamos encontros semanais ou quinzenais com a equipe de estudantes e a docente coordenadora para aprofundar teoricamente sobre a prática. Neste espaço foi que me encontrei com Paulo Freire e a Educação Popular em Saúde e seus princípios pela primeira vez, enquanto teoria. Disso, surgiram resumos produzidos inclusive com o coletivo comunitário, projetos de pesquisa participantes e reflexões críticas que me permitiram relacionar as bases da EPS com habilidades potentes para minha profissão, em caminhos de formação, a Terapia Ocupacional. Dentre os diversos aprendizados, destaco em um relatório da extensão: “o uso de estratégias para me comunicar e me relacionar em grupos

e individualmente; estratégias virtuais de mobilização e crítica; mecanismos de registro e formalização das atividades de grupos; organização de cursos: estruturação, divulgação, inscrições e certificação.” (MINATEL, M. M.; 2021).

Sobretudo, seja no início, me aproximando do grupo ou no final, já de forma presencial, em 2022, permanecendo durante todo o meu percurso na graduação, a extensão popular me permitiu experimentar a convivência e a apreender os processos e vivências desse grupo, bem como as demandas desse território a partir da práxis e da relação dialógica, norteadoras da prática na Educação Popular em Saúde e orientadas por seus princípios. Mesmo há quilômetros e diante de uma tela, as negativas do poder público também me deixavam com raiva, as conquistas do grupo de geração de renda a cada produção me brilhavam os olhos e, aos poucos, também era chamada de membro do Rede Solidária, como se denomina o grupo. A confiança e a fé amorosa no ser mais de cada pessoa desse grupo também foi recíproca em relação a mim, perdurando, entre idas e vindas da graduação, por cinco anos, sendo esta forma de ser-fazer um dos principais aprendizados que gostaria de destacar neste eixo.

#### **4.4.A PESQUISA E O CORPO PESQUISADOR: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISAR EM COLETIVO**

A pesquisa, os estudos, a teoria, às vezes são palavras que nos assustam um pouco. Quando penso na minha experiência, escrevendo este trabalho, inclusive, consigo ver muitas fases da minha relação com o “pesquisar”: a empolgação e curiosidade com algo novo; o medo de não ser capaz para produzir algo tão sério; a raiva e angústia durante a escrita os resultados e da discussão; o alívio da finalização e por fim, admiração pelo que foi produzido. De certa forma, é bastante interessante pensar naquilo que sentimos sobre algo que é tão visto enquanto racional, objetivo e neutro.

Dou início a essa narrativa a partir desses sentimentos porque dentre tantos saberes que esse corpo pesquisador produziu a partir das minhas experiências foi a impossibilidade de descolar a pesquisa da práxis, da relação e do afeto que permeia essas dimensões, sendo que a prática na extensão, ainda em 2020, é o princípio de tudo. Boa parte do medo e da angústia tiveram origem na preocupação em manter a coerência com os princípios da Educação Popular em Saúde, a confiança com as relações já constituídas e ainda pesquisar

mesmo com as durezas do universo acadêmico. Mais uma vez me deparo com a sensação de poder “afrouxar” tal rigidez do mundo a partir das metodologias participantes e populares.

Nossa primeira iniciação científica aconteceu de 2021 a 2022 e foi realizada de forma totalmente remota, sendo o tema e estrutura demandados pelo próprio coletivo: narrar a história desse grupo e vislumbrar novas rotas para guiá-lo a partir do que já havia sido feito em um ano e meio. Dessa forma, propôs-se uma pesquisa participante orientada pela metodologia da sistematização de experiências de Holiday (2006), pois, não se tratava de tratar os sujeitos realizadores desse grupo enquanto “objetos de pesquisa”, mas enquanto protagonistas dessa história e agentes transformadores de suas realidades, portanto, pesquisadores. Os resultados elaborados podem ser encontrados no Relatório Final de Pesquisa e em uma produção midiática no formato de vídeo feita para ser reproduzida via redes sociais, nossa principal forma de comunicação enquanto coletivo na época (TREVIZAN, 2022).

Da mesma forma que foi demandado um olhar para o coletivo e a composição de cada sujeito em sua história e continuidade, sentimos a necessidade de investigar nosso papel enquanto mediadoras de alguns processos que ali floresceram no intuito de compreender como o coletivo percebia nossa atuação e também poder analisar esse pensar-fazer criticamente sob a luz dos princípios da EPS, com seus desafios e potencialidades. Com isso, elaboramos a segunda iniciação científica a qual baseou-se em documentos produzidos pelo grupo e em entrevistas com cada um dos membros a partir de um roteiro pré-estruturado.

Dentre os aprendizados, destaco já na época nas autoavaliações dos relatórios parciais de pesquisa, a possibilidade de me aprofundar teoricamente no campo da Educação Popular em Saúde, suas origens em Paulo Freire, seus princípios norteadores e a relação dos mesmos com o meu escopo profissional em formação, tendo como norte a práxis experimentada em extensão e no processo de pesquisa.

Além disso, o uso de metodologias participantes, populares e decoloniais na pesquisa me permitiu conhecer outros caminhos para a execução desse tipo de trabalho entre comunidade e universidade, partindo de um compromisso ético-político. Dentre eles está, como propõe Oliveira *et al* (2014, p. 132) o conceito de convivência metodológica, pois foi necessário adentrar um cotidiano “virtual” e depois, territorial, para acessar essas pessoas e o que elas tinham para dizer. No remoto, foi muito importante estar em contato individual com cada morador, ainda que virtualmente, permitiu que eu os conhecesse, suas rotinas e a forma com que preferiam comunicar-se (áudios, chamadas ou mensagens). Já de forma presencial,

foi essencial poder visitá-los em suas casas, ser recebida para um café da manhã ou da tarde, conhecer suas famílias, seu território e só então entrevistá-los, por exemplo.

#### **4.5.O BOM FILHO À CASA TORNA: UMA EXPERIÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CUIDADO**

Após quase um ano sem conseguir estar próxima às práticas, cuidando das finalizações dos processos de pesquisa, parto finalmente para a ação, recheada pelo que a Terapia Ocupacional me ensinou em quatro anos e imersa no fazer da Educação Popular em Saúde. Meu primeiro estágio em Terapia Ocupacional foi contextualizado na Rede de Atenção Psicossocial e desenhado em dois locais: em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II e na comunidade do Aracy, como é nomeada uma das regiões periféricas da cidade.

No contexto comunitário, o estágio aconteceu em um espaço de cuidado produzido em resposta às demandas coletadas no projeto de extensão que participei, relatado neste trabalho no tópico 1 e nomeado então de “Território do Cuidar”. A proposta desse projeto se dá em torno do cuidado de quaisquer pessoas da comunidade, mas sobretudo, visibilizando o cuidado de crianças e adolescentes, a partir da perspectiva de que

“o bem viver precisa ser um direito garantido a todos e, por isso, as ações de cuidado não podem se limitar àquelas direcionadas às crianças, justificando a necessidade da intersetorialidade como caminho, mas também como horizonte de práticas verdadeiramente comprometidas com a vida das pessoas.” (MINATEL; TAÑO; MORATO, 2022).

De forma geral, o público que frequentemente chegava ao projeto eram em sua maioria mães e mulheres pretas e periféricas, em suas diversas faixas etárias e seus filhos. A perspectiva teórica para construção das ações nesse projeto do Departamento de Terapia Ocupacional já era de fato a Educação Popular em Saúde, dessa forma, tais ações já despontavam diretamente em intersecções entre os dois temas.

Com isso, acompanhamos três famílias que chegaram até nós pela via do coletivo comunitário e apoiamos na elaboração e participação em rodas de Terapia Comunitária Integrativa, uma prática integrativa e complementar prevista no SUS, baseada nos princípios da EPS para seu desenvolvimento e principal ação do projeto. Mas, principalmente, enquanto estagiárias, acompanhamos com mais atenção as crianças e adolescentes envolvidos nesses núcleos.

Destaco essa população pois a perspectiva da EPS nos permitiu acessar ferramentas importantes para o desenvolvimento de uma intervenção respeitosa, acolhedora e crítica em relação à tradução e estabelecimento de diálogo e escuta dessas infâncias e juventudes, grupos tradicionalmente marcados pelo silenciamento em um mundo adultocêntrico. Orientadas pela perspectiva da Reabilitação Psicossocial, nosso foco era poder proporcionar a convivência entre infâncias e adolescências dissidentes entre si, mas com um território em comum a ser explorado e apropriado por elas. Dessa forma, convidamos as crianças a organizar os espaços das rodas e a participar delas, se desejassem; a expressar seus sentimentos através de uma pintura ou no fazer um barquinho de papel; a brincar em coletivo, respeitando e dialogando sobre as diferenças de existir e fazer, criando novas possibilidades de participação e ocupação desse território pelas infâncias e juventudes ali conosco.

Além disso, por mais que a EPS não esteja na centralidade da lente do cuidado produzido no CAPS, ela também fez parte do que produzimos. Participava de um grupo no qual os membros já estavam em vias de alta do CAPS, porém, para todos eles ainda havia um parágrafo entre o desejo pela autonomia e o medo de conquistá-la.

Enquanto terapeuta ocupacional, muitas vezes me vi em um encontro com esse desejo de ser mais, sobretudo, para fora do CAPS, na vida, e, na prática, planejamos juntos, como caminhar mais um trecho para atingir esse objetivo. Dessa forma, uma de minhas atuações em um acompanhamento individual tornou-se retornar de ônibus com um dos usuários até sua casa. Esse processo foi demarcado pela *análise da atividade*, enquanto um dos exercícios da prática terapêutica ocupacional, dessa forma, pensamos em cada etapa: como descobrir quais linhas de ônibus fazem o trajeto que preciso? como é o trajeto? qual aplicativo posso utilizar para me guiar? qual o valor da tarifa? como devo sinalizar para o ônibus? e no ônibus, como me sentir mais seguro, sem medo de cair ou de passar vergonha?

Sobretudo, a EPS não deixou de existir em cada uma das etapas. O usuário, estudante de geografia, fez um ótimo trabalho identificando seu bairro e o trajeto do ônibus, bem como, me apresentando os locais pelos quais percorremos no caminho. Da minha vivência e corpo, empresto um tanto da minha relação de segurança com o transporte público o qual utilizo desde minha adolescência. Imprevistos como atrasos, mudanças de rotas e ônibus cheios sempre estiveram presentes na minha locomoção e tento emprestar isso a ele com leveza, mostrando que ficaríamos bem juntos. E assim construímos um novo saber, partilhando nossas histórias, depositando nossa confiança e fé um no outro e também no mundo ao nosso redor, pelo qual desejamos transformar juntos em busca da autonomia.

## 5. DISCUSSÃO: SABER MELHOR AQUILO QUE JÁ SABEMOS

Como Freire e Horton (2003, p. 159) bem define esse movimento de ir além do senso comum, apoiando-se em trazer o conhecimento para a vida como “saber melhor”, queremos saber-melhor os saberes produzidos a partir da e na experiência relatada. Para a análise realizou-se uma categorização em torno dos objetivos propostos neste trabalho, a saber: I. Alinhando caminhos entre a formação em Terapia Ocupacional e a EPS: habilidades e competências desenvolvidas; II. Aparando fios soltos: como os referenciais da Educação Popular em Saúde e da Terapia Ocupacional contribuem com a indissociabilidade dos eixos de formação profissional e; III. A colcha de retalhos em sua totalidade: potências, desafios e aprendizados que essa experiência revela.

### I. Alinhando caminhos entre a formação em Terapia Ocupacional e a EPS: habilidades e competências desenvolvidas

A seguir, apresento o Quadro 01, com o objetivo de sintetizar as ações da experiência narradas revelando as possíveis competências em TO e conceitos da EPS.

Quadro 01: Síntese das ações narradas na experiência e as intersecções encontradas na análise das competências das DCNs e dos princípios da EPS

Eixo	Ação (prática)	Conceitos/Princípios EPS (PNEPS)	Competências DCNs
Extensão	<p>Mediação do grupo comunitário</p> <p>Participação-observadora nas práticas de promoção de saúde na comunidade</p> <p>Encontros de estudo e reflexão sobre o saber-fazer na EPS e na TO</p>	<p><b>Mediação</b></p> <p><b>Escuta</b></p> <p><b>Curiosidade Epistemológica</b></p> <p><b>Diálogo</b></p> <p><b>Amorosidade</b></p> <p><b>Problematização</b></p> <p><b>Ação-Reflexão</b></p>	<p>XXXI - Refere-se à atuação como agente facilitador/mediador, transformador e integrador dos diferentes coletivos (BRASIL, 2020);</p> <p>XXIV - Refere-se ao desenvolvimento de uma escuta ativa e culturalmente sensível (BRASIL, 2020);</p> <p>XIII - Conhecer e compreender os diversos marcadores sociais de desigualdade e de diferença: classe social, étnico-racial, geracional, deficiência, gênero, sexo, religião, territorial, entre outros, atividades/ocupações/cotidianos (BRASIL, 2020);</p> <p>III - Reconhecer a saúde, a proteção e inclusão social,</p>

		<p><b>Construção Compartilhada do Conhecimento</b></p> <p><b>Territórios Saudáveis e Sustentáveis</b></p>	<p>a cultura, a educação e o trabalho como direitos, e atuar de forma a garantir a intersetorialidade e a integralidade da assistência (BRASIL, 2020);</p> <p>I - Compreender a problemática específica das pessoas, grupos, coletivos e populações com as quais trabalhará, contextualizada em seus processos/relações/implicações pessoais, sociais, culturais e políticos, que influenciam o engajamento em suas atividades/ocupações/cotidianos (BRASIL, 202);</p> <p>XXVII - Refere-se ao conhecimento das práticas integrativas e complementares em saúde como possibilidade de intervenção (BRASIL, 2020);</p>
Pesquisa	<p>Estudos teórico-metodológicos</p> <p>Demanda, análise e reflexões feitas <b>pele e com o grupo</b> (metodologia)</p> <p>Produção em formato de mídia (divulgação)</p> <p>Análise crítica reflexiva sobre o fazer profissional</p>	<p><b>Ad-mirar</b></p> <p><b>Curiosidade Epistemológica</b></p> <p><b>Ação-Reflexão</b></p> <p><b>Problematização</b></p> <p><b>Diálogo</b></p> <p><b>Construção Compartilhada do Conhecimento</b></p> <p><b>Amorosidade</b></p>	<p>IV - Conhecimentos de Pesquisa em Terapia Ocupacional [...]Prática da Terapia Ocupacional baseada em evidências científicas, que dialoguem com os saberes tradicionais e/ou populares (BRASIL, 2020);</p> <p>XXVIII - Conhecer metodologias de pesquisa científica e técnicas para elaboração, divulgação e publicação de trabalhos acadêmicos e científicos, e participar ativamente de atividades técnico-científicas (BRASIL, 2020);</p> <p>XXX - Buscar informações e conhecimentos que qualifiquem a prática profissional e comprometer-se com a continuidade de sua educação [...] (BRASIL, 2020);</p> <p>X - Incorporação de processos de comunicação, [...] e uso de tecnologias de informação e comunicação que ampliem as possibilidades de diálogo e de intercâmbio de experiências e conhecimentos (BRASIL, 2020);</p> <p>X - Realizar registros das intervenções em terapia ocupacional por meio de linguagem adequada (BRASIL, 2020);</p> <p>XXIV - Refere-se ao desenvolvimento de uma escuta ativa e culturalmente sensível (BRASIL, 2020);</p>
Ensino	<p>Avaliação (situacional)</p> <p>Acompanhamentos individuais e em grupos, familiares e comunitário</p> <p>Supervisões para reflexão do fazer profissional e análise do raciocínio clínico</p> <p>Proposição e condução de oficinas/atividades em grupo</p>	<p><b>Amorosidade</b></p> <p><b>Escuta</b></p> <p><b>Problematização</b></p> <p><b>Curiosidade Epistemológica</b></p> <p><b>Ação-Reflexão</b></p> <p><b>Confiança</b></p>	<p>XVII - Conhecer e utilizar diversas modalidades de intervenções [...] como: atendimentos e/ou acompanhamentos individuais, grupais, familiares, institucionais, coletivos e comunitários [...] (BRASIL, 2020);</p> <p>XXII - Refere-se a capacidade de desenvolver ações junto a pessoas [...] destinatárias da ação do terapeuta ocupacional [...] para a constituição de vínculos de confiança [...] (BRASIL, 2020);</p> <p>XXIV - Refere-se ao desenvolvimento de uma escuta ativa e culturalmente sensível (BRASIL, 2020);</p>

<p>Análise de atividades (seja na avaliação, na proposição da intervenção ou no desfecho)</p> <p>Encaminhamentos e diálogos com outros setores e serviços (escola, serviços de saúde locais e do SUAS)</p>	<p><b>Diálogo</b></p> <p><b>Construção Compartilhada do Conhecimento</b></p> <p><b>Territórios Saudáveis e Sustentáveis</b></p>	<p>XX - Desenvolver o raciocínio terapêutico-ocupacional para realizar a análise da situação, a escolha da abordagem profissional apropriada e os resultados a serem alcançados [...] (BRASIL, 2020);</p> <p>XXI - Desenvolver o acompanhamento processual, contextualizado e singular [...] bem como ativar e gerenciar redes sociais de suporte, em consonância com uma perspectiva crítica e problematizadora da realidade social (BRASIL, 2020);</p> <p>XIII - Conhecer e compreender os diversos marcadores sociais de desigualdade e de diferença: classe social, étnico-racial, geracional, deficiência, gênero, sexo, religião, territorial, entre outros, atividades/ocupações/cotidianos (BRASIL, 2020);</p> <p>VII - Identificar, experienciar, compreender, analisar, interpretar e avaliar a atividade/ocupação/cotidiano de pessoas, grupos, coletivos e populações considerando a centralidade das atividades cotidianas [...] na caracterização da complexidade da identidade dos sujeitos e na definição do processo terapêutico ocupacional, que visem a autonomia, a ampliação de direitos, a independência, a participação, inclusão e a emancipação social (BRASIL, 2020);</p> <p>III - Reconhecer a saúde, a proteção e inclusão social, a cultura, a educação e o trabalho como direitos, e atuar de forma a garantir a intersetorialidade e a integralidade da assistência (BRASIL, 2020):</p> <p>XXIV - Refere-se ao desenvolvimento de uma escuta ativa e culturalmente sensível (BRASIL, 2020).</p>
--	---	--

Fonte: Produzido pela autora.

Considerando que a Educação Popular em Saúde é baseada na teoria e prática da Educação Popular, coube utilizar no quadro produzido (Quadro 01) conceitos propostos em toda a extensão da produção freireana. Sobretudo, têm-se como foco os seis princípios destacados na PNEPS (BRASIL, 2013) - diálogo, amorosidade, problematização, emancipação, construção compartilhada do saber e compromisso com a construção de um projeto democrático e popular.

Nesse sentido, a análise da experiência não se propõe a gabaritar os princípios e conceitos da Educação Popular, tampouco realizar um “cara-coroa” em relação às competências propostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de Terapia Ocupacional. O objetivo da produção desse quadro foi permitir a visualização de conexões e coerência entre as práticas na EPS e na Terapia Ocupacional, visando, sobretudo, a formação profissional.

De forma geral, tanto os conceitos da EPS, quanto as competências em TO se repetem no Quadro 01 a partir das ações narradas na experiência. Isso se deve à transversalidade dos conceitos, sendo as ações realizadas implicadas com esses referenciais. Alguns conceitos só se repetem uma vez e isso foi uma escolha para a análise, cuidando de uma especificidade da experiência e de cada eixo, de forma que aquele conceito ficou mais evidente e/ou relevante naquele contexto.

Partindo do eixo Extensão (Quadro 01), dentre as competências descritas nas DCNs (BRASIL, 2020), a **mediação de grupos** é uma habilidade esperada dos profissionais graduados em Terapia Ocupacional e qualificada em torno da identidade sociocultural, buscando a transformação com tais coletivos. Da mesma forma, na EPS, o elemento transformador aparece enquanto central do papel do mediador, porém, acrescenta a noção de que a população a qual estamos em relação não é vazia de saberes, logo, as ações devem ser uma composição imbuída do diálogo e da fé no ser mais desses sujeitos (FREIRE, 1987).

Dessa forma, a partir da narrativa, compreende-se que há uma convergência em relação a esse papel que deve ser exercido pelo profissional em TO e a EPS: enquanto o primeiro carrega consigo a análise cuidadosa dos fazeres do cotidiano imbuídos das identidades e cultura, o segundo reforça a valorização dos mesmos, bem como dá pistas de como produzir a transformação de forma crítica e dialógica junto aos coletivos. Sobretudo, destaca-se que o conceito de mediação está implicado com todas as outras habilidades profissionais e princípios da EPS, pois, somente assim é capaz de produzir a transformação proposta em ambas: embasado no diálogo, na escuta ativa, nas problemáticas reais, no direito à saúde, educação, trabalho, etc.

No eixo Pesquisa, destacaram-se alguns conhecimentos e habilidades (Quadro 01) os quais estão previstos para a graduação em Terapia Ocupacional e estão descritos nas DCNs enquanto conhecimentos essenciais (BRASIL, 2020), como no artigo IV: “Conhecimentos de Pesquisa em Terapia Ocupacional: epistemologia das ciências e metodologia de pesquisa; escrita acadêmica e científica; fundamentos de estatística; ética em pesquisa. Prática da Terapia Ocupacional baseada em evidências científicas, que dialoguem com os saberes tradicionais e/ou populares.” (BRASIL, 2020).

Nesse sentido, a Educação Popular contribui de diversas formas para um fazer-pesquisador sensível e dialógico, como propõem as DCNs. Destaca-se a habilidade de “**ad-mirar**” de Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 39) por compreender uma relação essencial para a construção do meu fazer na pesquisa durante esses cinco anos imerso na Educação Popular em Saúde e nas metodologias e teorias convergentes com os

saberes populares. Como descrito por Streck, Redin e Zitkoski (2010, p. 39): “não há ato de conhecimento, sem admiração do objeto conhecido.” Ao admirarmos um conhecimento, um saber, compreendido como coletivo, nos permitimos tomar distância de tal objeto e investigar seus porquês. Os autores afirmam que Freire faz a defesa, inclusive, de que tal conhecimento e curiosidade devem ser construídos a partir da prática.

Dessa forma, considero que houve em todo meu percurso enquanto pesquisadora necessariamente uma admiração pelo conhecimento construído em ato nas extensões, para que pudéssemos dar pausas, distanciar e poder pensar sobre o mesmo. Não sendo somente de mim que essa admiração partiu, mas de todo o coletivo que trouxe a necessidade de registrar a história do grupo e compartilhar nossas ações com o mundo, reforçando a coletividade do pensar, portanto (TREVIZAN, 2022).

Com isso, considera-se que o ato **admirar**, pelos conceitos da Educação Popular, contribui especialmente na formação em TO, pois sugere uma maneira de pesquisar necessariamente implicada com a prática e o fazer-pensar coletivo de forma crítica, não sendo, portanto, neutra e imparcial.

Por fim, de forma específica no eixo Ensino destaco o conceito de **confiança**, pois é um dos elementos centrais para a constituição das práticas tanto no contexto da Terapia Ocupacional, quanto na EPS. Segundo Streck, Redin e Zitkoski (2010, p. 81), a confiança, “situando-a no contexto freiriano, se institui e é instituída como uma esperança firme.” a partir do acolhimento e da disponibilidade para a escuta e diálogo. Novamente, aparecerá enquanto a fé sobre o outro e o mundo, não sendo compatível com a autossuficiência dos sujeitos e sim com aquilo que é construído em relação. Já nas DCNs (BRASIL, 2020), a confiança irá aparecer enquanto associada ao vínculo na competência XXII de forma genérica a partir do respeito e empatia.

A partir da experiência e da definição de confiança em ambas perspectivas da Educação Popular em Saúde e da Terapia Ocupacional, podemos concluir a importância de tornar esta competência e conceito um exercício político, pois, as ações só puderam ser concretizadas com o estabelecimento desse laço entre a comunidade e a universidade, não sendo isoladas e também não sendo impostas (TREVIZAN, 2023). Dessa forma, a EPS contribui para a atuação profissional com a definição desse tipo de relação em suas diversas instâncias, seja na pesquisa com os sujeitos, na extensão e ensino a partir do compromisso com o cuidado, pois a confiança irá possibilitar a via para uma construção dos saberes de forma compartilhada.

Partindo para conceitos que se repetem no Quadro 01 estão, majoritariamente, os princípios da Educação Popular em Saúde (PNEPS). Eles se entrelaçam de forma transversal às ações e práticas:

“o diálogo pressupõe a escuta atenta e problematizadora; a amorosidade enquanto habilidade de enxergarmos a potência, autonomia e protagonismo do outro; a problematização coletiva como a crítica que desvela o mundo, os contextos compartilhados e os condicionantes e determinantes sociais; e a construção compartilhada do conhecimento, atrelada fielmente ao engajamento e à participação popular” (CRUZ, 2018).

Partindo do **diálogo**, a horizontalidade, disponibilidade e atenção são essenciais para seu exercício. O mesmo irá se concretizar a partir da presença e da sustentação dessa relação nas ações da experiência, os quais foram revelados enquanto elementos importantes para a composição do nosso papel de mediador (TREVIZAN, 2023). Além disso, há uma preocupação com essa dimensão quando estabelecemos outras formas de comunicação considerando as circunstâncias, como a pandemia da COVID-19 e o uso das redes sociais. Nesse sentido, as DCNs irão complementar reafirmando na competência X o uso de tecnologias de informação e comunicação como instrumento das ações terapêutico-ocupacionais (BRASIL, 2020).

A **amorosidade** se apresentará a partir dessa habilidade de acreditar no ser mais, essencial para a continuidade dos trabalhos com os sujeitos, bem como, ao estabelecimento da confiança. Esse é um conceito que contribui com a terapia ocupacional a partir da forma de relação que estabelecemos com os sujeitos, aproximada-afetada, transformadora da relação vertical, biomédica. Logo, também transformadora da produção de cuidado.

Da mesma forma, a **problematização** irá contribuir enquanto essa prática coletiva de questionar o mundo a partir da relação de amorosidade e do diálogo estabelecido, para então chegar a soluções populares constituídas pela **construção compartilhada dos vários conhecimentos** ali presentes. Um exemplo interessante desse processo é a construção das idas e vindas de transporte público do usuário do CAPS na narrativa. A problematização estava aliada à análise da atividade enquanto competência e instrumento da terapia ocupacional, a qual, poderia nomear enquanto uma problematização da ação. Esse exercício transversal às ações da EPS e da Terapia Ocupacional irá nos permitir chegar às soluções populares ou a um Projeto Terapêutico Singular, por exemplo, estando alinhado com os saberes/desejos/necessidades do sujeito garantindo maior engajamento e participação.

Quanto ao exercício de formação crítica e continuidade, a Educação Popular contribui também definindo a **curiosidade epistemológica**, enquanto essencial, segundo Freire, para a formação profissional do educador, pois em sua prática a revisitação e a reinvenção de si, de

forma curiosa, deve ser constante (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010). De forma paralela nas DCNs (BRASIL, 2020), a defesa da formação continuada e do envolvimento ativo em atividades de pesquisa está presente e nos guiam, enquanto graduandos e graduados, para uma formação crítica e qualificada.

Contribuindo com o exercício da curiosidade epistemológica está a **ação-reflexão**, definida enquanto “o saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e assim, ambos se refazem.” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 23). Tal reflexão irá nos apoiar a atravessar inéditos-viáveis em busca da transformação social. É um exercício que permeou as atividades de extensão e de ensino através das reuniões frequentes, alternando leituras e a prática; através da elaboração de pesquisas que partiram das demandas reais do coletivo; da problematização do cuidado em saúde e das formas de produzir cuidado.

A ação-reflexão enquanto conceito freireano irá contribuir com a Terapia Ocupacional no desenvolvimento de um conjunto de competências nos diversos eixos, dentre elas: I, III, IV, VII, XIII, XXVIII, entre outras. E principalmente, de forma interessante no processo de raciocínio clínico (competência XX), exercício de análise e reflexão para construção de um cuidado coerente com as “atividades/ocupações/cotidianos de pessoas, grupos, coletivos e populações” (BRASIL, 2020).

Em seguida, no Quadro 01, o conceito de **escuta** aparece em dois eixos: Extensão e Ensino. Quanto à escuta, Paulo Freire enfatiza a ação de escutar pacientemente, com presença, humildade e fé, assim, falamos com e não para o sujeito, dando acesso à construção compartilhada do conhecimento (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010). No artigo XXIV das DCNs (BRASIL, 2020), espera-se que o profissional desenvolva uma escuta ativa, sensível e contextualizada dos sujeitos, bem como de seus desejos e necessidades em todo o processo em Terapia Ocupacional (BRASIL, 2020).

Cruz (2018) irá trazer, sobretudo, a escuta enquanto ferramenta e instrumento profissional, quando relata em sua experiência com a EPS que ao adentrar o território “escutar era nosso melhor remédio e a abordagem de atendimento mais recomendada” (CRUZ, 2018, p. 153). Uma ausência das DCNs pode ser apontada neste ponto, pois a escuta é definida somente como competência e não enquanto um instrumento, sendo a última defesa relevante no campo das Tecnologias Leves em Saúde de Merhy (2014) enquanto uma tecnologia relacional, produtora de vínculo.

Além disso, a escuta está diretamente conectada ao diálogo, pois segundo Cruz (2018) para dialogar é preciso estar disposto a

“mergulhar na aventura de aprender com o outro, abrir-se a conhecer e compreender os sentidos do outro e, assim, assumir o risco de desconstruir, questionar e criticar seus próprios conhecimentos e repensar suas atitudes, abordagens e posicionamentos.” (CRUZ, 2018, p. 155).

Para realizar isso, a escuta será o nosso principal instrumento. Com isso, a necessidade de reflexão e crítica em todo o processo terapêutico-ocupacional aparece novamente e se alia à EPS, sugerindo uma forma de fazer ética e política, levando a um caminho de construção conjunta com os sujeitos e coletivos com os quais afirmamos o compromisso do cuidado.

Por fim, coube trazer nesta análise o conceito de Territórios Saudáveis e Sustentáveis, o qual segundo Santos (2022, p. 25) se interrelaciona com a Educação Popular em Saúde a partir das noção de “valorização dos atores, elementos locais e governança territorial”. A EPS enquanto ferramenta, movimento e metodologia irá reunir a comunidade em torno da sustentabilidade, planejando e executando ações de promoção em saúde a partir dos princípios previstos na PNEPS, constituindo governanças territoriais. Neste sentido, é um compromisso que se constitui enquanto um projeto democrático popular. Esse princípio está de forma transversal a todos os conceitos, competências e habilidades, e como se verifica na experiência em análise este só é possível exercido junto a eles. A partir do momento em que se alinham os objetivos dos projetos de extensão, pesquisa e ensino, podemos compreender a indissociabilidade dos mesmos para a construção desses Territórios Saudáveis e Sustentáveis, logo, escolher realizar desta forma reafirma esse compromisso em sua base.

## **II. Aparando fios soltos: como os referenciais da Educação Popular em Saúde e da Terapia Ocupacional contribuem com a indissociabilidade dos eixos de formação profissional**

As categorias “Ensino”, “Pesquisa” e “Extensão”, são eixos de aprendizado e sustentação da formação profissional nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras e, segundo o artigo 207, da Constituição Federal, devem ser orientadas pelo princípio da indissociabilidade. Essa estrutura garante um pacto e postura das IES perante a sociedade, visando a articulação com a comunidade de forma ética e crítica (VIGNALI, 2020).

Na graduação em Terapia Ocupacional, esse tripé é previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (BREGALDA; MÂNGIA, 2020), enquanto instrumento para o desenvolvimento de competências desse profissional, sendo a articulação entre essas esferas essencial para ir além do teórico, pressupondo o aprendizado de:

“habilidades para a vida e atitudes baseadas nos direitos humanos; [propondo] o protagonismo do estudante no desenvolvimento dessas competências mediante sua exposição a situações complexas [...] e a mobilização integrada de diferentes recursos para a proposição de intervenções diante das demandas da realidade vivenciada” (BREGALDA; MÂNGIA, 2020, p. 81)

Dessa forma, a experiência apresentada se fez baseada no princípio da indissociabilidade. O percurso por todos os eixos, de forma articulada, permitiu uma compreensão ampliada do contexto de prática, sendo o território e o cotidiano dessa população conceitos e instrumentos de observação, avaliação e intervenção cruciais para a Terapia Ocupacional, segundo a competência V das DCNs (BRASIL, 2020).

A partir da imersão nesse território e cotidiano, é possível compreender as identidades que os compõem, os grupos e coletivos e seus modos de fazer atravessados por seus marcadores sociais, instrumentos e agentes ativos em nossas intervenções (GALHEIGO, 2020). Considerando o alvo das práticas, a mediação de grupos, a escuta ativa e a disposição de outras técnicas, como as Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS) foram habilidades desenvolvidas a partir de um olhar contextualizado, crítico-político para os sujeitos.

Além disso, a imersão nesses três eixos nos permitiu conduzir as pesquisas selecionando metodologias coerentes com a realidade desses sujeitos, levando a uma adesão possível por parte da comunidade e à produção de soluções populares frente aos inéditos viáveis que foram surgindo, especialmente durante o período atípico (pandêmico) pelo qual atravessamos coletivamente.

Dessa forma, observa-se a relevância e funcionalidade do princípio da indissociabilidade para a construção de uma base sólida para o desenvolvimento de competências exigidas dos terapeutas ocupacionais em sociedade. Bem como, a contribuição da Terapia Ocupacional para a construção dessas articulações de forma crítica-reflexiva a partir da experiência narrada.

A partir da perspectiva da Educação Popular em Saúde, destaco ainda o uso da Extensão enquanto eixo central para que os demais aconteçam pela via da indissociabilidade. Cruz (2018) irá denominar a extensão que utiliza como referencial os princípios da EPS,

enquanto “Extensão Popular” e acrescenta que ela é, a partir do seu modo de AGIR no mundo:

um trabalho social útil, [...] pautado por um processo de construção participativa e compartilhada, com a intencionalidade de articular tanto o ensino como a pesquisa na mobilização de experiências, estudos e reflexões em contextos de adversidade, para a superação de problemas sociais, de maneira compromissada com a mudança e o enfrentamento à exclusão social e à desumanização (CRUZ, 2018, p. 20).

Dessa forma, a EPS além de ser um referencial interessante para articular os três eixos, pois nos instrumentaliza como realizar tal a partir de seus princípios, destaca a relevância das pessoas que constituem a universidade estarem presentes no cotidiano das comunidades e sociedade, conduzindo outras formas de fazeres acadêmicos. Bem como, compondo aprendizados de outras dimensões para além da lógica cartesiana, biomédica, homogeneizante que segundo Nespoli *et al* (2020) se sobrepõe na formação e consequente atuação dos profissionais em saúde historicamente.

A Educação Popular em Saúde contribui com a visão de Freire quanto à educação profissional (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010) a qual critica a proposta neoliberal de aprendizagem da “pedagogia das competências” presente na lógica e construção das bases da universidade e defende a noção do desenvolvimento de habilidades para a vida, enquanto formação humana. Para Freire, não só a cientificidade é formadora, mas também a história, cultura e o próprio sujeito enquanto cidadão (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010)

Enquanto ser humano, filha, irmã, amiga, namorada, aluna, cidadã, membro do Rede Solidária e entre outros papéis que já vivi e apresento na introdução, considero que na experiência em análise coube muito da minha história e identidade. Seja no encontro, num abraço, no acolhimento daquilo que a gente se reconhece e sofre ou se alegra juntos ou num café da tarde. E todos esses momentos foram necessários para a experiência, bem como, foram valorizados e guiados para um cuidado comigo e com o outro, seja na prática em extensão, estágio ou pesquisa, mas essencialmente vividos no dia-a-dia, corpo-a-corpo com as pessoas que intencionamos produzir cuidado.

### **III. A colcha de retalhos em sua totalidade: potências e desafios que essa experiência revela**

Como o exercício da problematização propõe, questiono a experiência agora identificando aquilo que deu certo e potencializou outros movimentos e também aquilo que

foi desafiador e nos servirá enquanto reflexão, produzindo e demarcando nossos inéditos-viáveis.

Enquanto potência, a experiência nos revela o enriquecimento da formação e graduação em Terapia Ocupacional através da partilha e construção entre a profissão e a Educação Popular em Saúde. De forma geral, a EPS contribui com a noção de uma pedagogia do cuidado, na qual, a transformação do mundo acontece inclusive pela produção de saúde (NESPOLI *et al*, 2020).

O cuidado definido nesta concepção enquanto o bem viver e o bem comum de todos (NESPOLI *et al*, 2020) transparece na experiência a partir dos objetivos e das ações coletivas. A terapia ocupacional, da mesma forma, irá produzir cuidado a partir do comum, do território, do cotidiano, das ações, da expressão da existência no mundo. Nespoli *et al* (2020) irá fazer a defesa de que para produzir o cuidado devemos nos OCUPAR com nós mesmos, com o outro e com o mundo, sendo uma possível interpretação a habitação dos espaços, mas também daquilo que é compreendido enquanto inerente a todos os seres humanos na terapia ocupacional, a ocupação.

Enquanto desafios, a estrutura neoliberalista, hierárquica, homogeneizante, racista, homofóbica, misógina, classista, capacitista da universidade, reflexos históricos da nossa sociedade, nos limita, nos absorve, exaure, poda, arranca pela raiz muitos avanços em relação ao engajamento e participação. Do ponto de vista da comunidade, os marcadores sociais são muitos e reverberam no cotidiano dos sujeitos, em suas atividades e modos de vida, levando a uma limitação importante para manterem-se nos processos e ações coletivos, muitas vezes (TREVIZAN, 2023).

Em contrapartida, essa estrutura impacta também nossos corpos universidade adentro, nos cobrando produtividade em uma luta contra o relógio. Bem como, nos limita, muitas vezes quanto a recursos dignos e também na disponibilidade para estar presente reafirmando princípios da EPS da confiança, fé e amorosidade. Dessa forma, ao realizar projetos como esse baseando-se nesses conceitos, defendemos o compromisso ético-político que temos como terapeutas ocupacionais de ir na contramão dos sistemas homogeneizantes, valorizando o afeto, a escuta e a aproximação-afetada das nossas pessoas.

Pessoalmente, um dos desafios que mais me marcaram foi justamente o encerramento das minhas atividades nestes espaços, com o fim da graduação. Já no fim, a frequência e participação não podiam ser as mesmas acumulando outras atividades de prática, as dificuldades do transporte público e o retorno para minha cidade de origem foram tomando espaço. Desta forma, a continuidade é algo que devemos nos preocupar enquanto o coletivo

que formamos, moradores, docentes, lideranças comunitárias, discentes, trabalhadores da assistência.

## **6. CAMINHANDO PARA OUTRAS EXPERIÊNCIAS**

Escrevi este trabalho em meio a muitas mudanças no fim da graduação, imersa em um contexto clínico, na tentativa de produzir cuidado em saúde mental com crianças. Tentativa, pois, muitas vezes, me questiono se estou no caminho certo, pois a reprodução da lógica biomédica, normatizadora nesses espaços acontece em massa e o cuidado enquanto “bem comum” fica em quaisquer planos.

Este trabalho me permitiu rememorar, sentir no corpo e aterrar o conhecimento em torno desses cinco anos em busca do que acredito quanto à produção do cuidado e que há espaço para valorização e defesa desses saberes. Me trouxe respiros, me lembra o porquê eu faço como faço, olho no olho, acolhendo, acreditando em cada criança, permitindo que elas questionem e que compartilhem seus saberes comigo.

Sobretudo, destaco que esse trabalho não se encerra de forma alguma neste relato, pois há muitas lacunas a serem preenchidas. Quanto às Diretrizes Nacionais Curriculares, a tese de doutorado, premiada pelo título de melhor tese CAPES e de autoria de Alekin Ambrosio (2023) irá nos alertar sobre a necessidade de revisão e reavaliação das bases de formação em Terapia Ocupacional, pois a mesma está sustentada, desde sua origem em uma estrutura social racista, homofóbica, machista, capacitista e produtora de diversas exclusões. De forma congruente, Bregalda e Mângia (2020) irão trazer que não basta a formulação de novas diretrizes, mas a inovação curricular e outras formas de avaliação e crédito da profissão.

No mais, que a gente possa, terapeutas ocupacionais, educadores populares e pessoas, ocupar-se com o cuidado, a partir da fé e amor, enquanto oposição à opressão, desumanização e degradação da vida. Que acreditemos no nosso próprio “ser mais”.

## **REFERÊNCIAS**

ABOUT OCCUPATIONAL THERAPY. World Federation Of Occupational Therapy (WFOT). 2012. Disponível em: <https://wfot.org/about/about-occupational-therapy>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS).

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 650, de 4 de dezembro de 2020. Dispõe sobre as recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação Bacharelado em Terapia Ocupacional. Brasília, DF: CNS, 2020. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2021/res0650\\_03\\_08\\_2021.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2021/res0650_03_08_2021.html). Acesso em: 15 jun. 2024.

BREGALDA, M. M.; MÂNGIA, E. F. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos em Terapia Ocupacional. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 21, p. 78-85, jan-dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/178720/171693>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CRUZ, P. J. S. C.; SILVA, M.R.F.; PULGA, V. L. Educação Popular e Saúde nos processos formativos: desafios e perspectivas. **Interface (Botucatu)**. 2020. <https://doi.org/10.1590/Interface.200152>

CRUZ, P. J. S. C.; EXTENSÃO POPULAR: UM MOVIMENTO, UM MOSAICO DIVERSO DE PRÁTICAS E UMA CONCEPÇÃO PARA A REORIENTAÇÃO DO FAZER UNIVERSITÁRIO TRADICIONAL. In: **Vivências de extensão em educação popular no brasil**. João Pessoa: Editora do CCTA. 2018. Disponível em: <http://www.ccm.ufpb.br/vepopsus/wp-content/uploads/2018/02/Viv%C3%AAsncias-de-Extens%C3%A3o-em-Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-no-Brasil-Vol.2-Editora-do-CCTA-2018-1.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

DAVID, H.M.S.L.; NESPOLI, G.; LEMÕES, M.A.M. Incertezas em tempos de pandemia: uma reflexão sobre a Educação Popular em Saúde. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 259-267, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56012>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FLEURI, R. M. Formação de Profissionais da Saúde: Reflexões a partir de vivências estudantis. In: **Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde**. VASCONCELOS, E. (org.). 2 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2015. (Saúde em Debate, 169).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.  
FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. 28(1), 5-25. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/ZkxfWsTJJbHCBVhdmFdMqB/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 08 jan. 2025

GONTIJO, D. T.; SANTIAGO, M. E. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, p. 132-148, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/11667>. Acesso em: 18 jan. 2024.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. Resende MVV, tradutor. 2a ed. Brasília: MMA; 2006.

LEITE, V. F. A. Ser Mais: coerência entre a vida e o conceito de Paulo Freire. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e2116581, p. 1-12, 2021 Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v16/1809-4309-praxeduc-16-e2116581.pdf>. Acesso em: 19. jan. 2025.

MARTINS, C. P. C. C. **Rede de suporte e cuidado em saúde mental infantojuvenil: um relato de experiência de uma estagiária em campo**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINATEL, M.M. **Promoção de saúde mental e garantia de direitos da criança e adolescente a partir e no território: Práticas Intersetoriais e comunitárias**. Relatório da atividade. Pró Reitoria de Extensão. Universidade Federal de São Carlos. Processo: 23112.000440/2021-38. Maio de 2021 a outubro de 2021. 2021.

MINATEL, M. M.; Taño, B.L. ; Morato, G.G . QUANDO CRIANÇAS PEDEM REDE: TERAPIA OCUPACIONAL, INTERSETORIALIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR NO CUIDADO COM AS INFÂNCIAS. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 6, p. 822-833, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/42850>. Acesso em: 18 jan. 2024.

NESPOLI, G.; PARO, C.A.; LIMA, L.O.; SILVA, C.R.A. Por uma pedagogia do cuidado: reflexões e apontamentos com base na Educação Popular em Saúde. **Interface** (Botucatu). 2020; 24, p.1-14.

OLIVEIRA, M. W. de; JUNIOR, D. R.; SILVA, D. V. C. da; SOUSA, F. R. de; VASCONCELOS, V. O. de. **Pesquisando Processos Educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas**. In: OLIVEIRA, M. W. de; SOUSA, F. R. de. (Orgs). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 113-141.

PORTO, J. C. **Considerações de uma estudante de terapia ocupacional para uma prática profissional inclusiva, ecológica e integral**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

ROCHA, L. S. **TODA TO PODE IR AONDE O POVO ESTÁ**: contribuições da Educação Popular em Saúde na prática do cuidado terapêutico. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Terapia Ocupacional), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SANTOS, R. A. dos. **ESTRATÉGIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E SUSTENTÁVEIS: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**. 2022.

SOUZA, A. P. A. de. **Produção de cuidado e de conhecimento na perspectiva interseccional**: experiência de uma estudante de terapia ocupacional. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, 2024.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TREVIZAN, G.C. **O quefazer de um grupo comunitário na construção de soluções populares no enfrentamento da pandemia da Covid-19**: uma pesquisa participante. Relatório de Iniciação Científica. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2022. 74p.

TREVIZAN, G. C. **O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO POPULAR: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE UM GRUPO COMUNITÁRIO NA PANDEMIA DA COVID-19**. Relatório de Iniciação Científica. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Universidade Federal de São Carlos. 2023. 52 p.

VASCONCELOS, V.O.; OLIVEIRA, M. W. Educação Popular: uma história, um que-fazer. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, 2009, p. 135-146.

VIGNALI, C. Princípio da indissociabilidade: a tríade que rege o Ensino, Pesquisa e Extensão nas IES. **Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) UNESP**. 2020. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/1873/tripe-universitario>. Acesso em: 08 jan. 2025